

BIBLIOTECA MUNICIPAL MANUEL DE BOAVENTURA - ESPOSENDE

REVISTA DE IMPRENSA Publicação Diário Popular
Local Lisboa Data 07/08/80 Série _____ N.º _____

GERAL

O MAR DE ESPOSENDE NÃO DÁ PEIXE E OS PESCADORES «EMIGRAM» PARA SINES

TEXTO DE MARQUES DA CRUZ

Repetindo um ciclo de séculos, pescadores de Esposende emigraram para Sines, levando barcos e redes, deixando família e haveres, para irem buscar em outros mares aquilo que ao largo da sua costa vai faltando: o peixe.

Tudo começou em Setembro. Mestre Armando, homem ofoito, lançou mão da motora «Pai Tirano», arregimentou cinco homens, entre os quais dois filhos varões, e lá foi costa abaixo, nortada pela ré, em busca das águas pródigas de Sines. Nem a distância nem os seus 57 anos dados ao mar ou os dias a fio longe da mulher e das filhas o atemorizaram. Para ele, Sines, era a «terra a Promissão» e, de certo modo tem-no sido.

Na rota do «Pai Tirano» seguiram o «S. Bartolomeu do Mar», a «Senhora da Saúde», a «Maria José Barros», a «Santa Maria dos Anjos», e a «Flor do Cávado», todas motoras de Esposende. Ainda lá ficaram sete, a ver o que o mar dá. Entretanto, a barra de Esposende tem saudades dos barcos que cruzaram. A vila perdeu movimento. Os homens, em cada dia que passa roem-se de saudades.

O seu ganha-pão mudou de mares. E tem valido a pena? É mestre Armando que nos diz quando com ele falámos, num curto regresso à terra natal, com barco e artes, para reparar e matar saudades:

«A pesca aqui não dava nada. Lá o peixe não é assim muito, mas pagam-no bem. Dão valor ao peixe. Aqui quem ganha é quem nos vem comprar.»

«ELES LEVAM TUDO»

Não é por motivos íteus que os homens do mar, habituados à aspreza da maresia e da borrasca, deixam assim a terra que os viu nascer. Os pescadores de Esposende estavam habituados a encontrar na sua costa peixe suficiente para auferir com que sustentar as suas casas. De inverno, encostavam-se mais à praia e por aí, com as suas redes de tresmalho, iam apa-

nhando peixe capaz. Depois, no Verão, faziam-se mais ao largo, dando ocasião a que as espécies que viviam mais próximas da costa se fossem criando e o ciclo de vida era respeitado.

Vieram os arrastões. «Eles levam tudo» — diz-nos o mestre Armando, Gomes Franco, com o olhar triste e espetado na face enorme rugosa e tinada — «eles levam tudo, destroem tudo, rapando os fundos e desgraçaram os pescadores». Por isso, as espécies foram escasseando, e houve necessidade de procurar outras paragens distantes.

Em Sines, o mar é bom mas não é de rosas.

EM SINES O MAR É BOM MAS NÃO É DE ROSAS

«Eles», lá em baixo, também dão cabo de tudo. Qualquer dia temos de fugir de lá. Arrastam de Sines até Sagres.

Os barcos correm muito. A arrastar, andam mais que um solto. Deitamos as redes no agasalho da costa. Mesmo assim, não respeitam a lei. Chegam a andar a 100 metros da costa, quando, para eles, é proibido arrastar para dentro das 12 milhas.

UM PREJUÍZO DE 70 CONTOS QUE SINES AINDA NÃO JULGOU

No seu desabafo, mestre Armando insurge-se: «Em Março, dois arrastões

de Portimão, que fazem praça em Lisboa, deram-me cabo de 33 redes. Foi um prejuízo de 77 contos. Apresentei queixa na Capitania de Sines, mas, até agora, ainda não tive resposta.

E não fui só eu. Também o mestre da motora «Francisco Agonia», de Matosinhos, teve prejuízos causados por um arrastão.»

Em Sines, como em Esposende, faz-se no mar letra morta da legislação. O exemplo aqui fica denunciado por mestre Armando, que espera há meses que se faça justiça.

Os nomes dos arrastões prevaricadores foram denunciados às autoridades marítimas. Até segunda-feira, pelo menos, as indemnizações ainda não tinham sido pagas. É o mínimo que se pode desejar.

VER A FAMÍLIA DE 15 EM 15 DIAS

Sines fica longe para estes pescadores. Por isso, penitenciam-se com a saudade, pois estes homens do mar são muito ligados aos seus.

Vir de «lonjura» de Sines ao Norte são os caminhos do «fim do mundo». Não dá! Tem de se deixar por lá o barco e, de quinze em quinze dias, ou de oito em oito, fazer «sociedade com os trabalhadores que constroem a refinaria, alugar um autocarro e vir dar uma olhadela aos mais pequenos. No Natal, claro está, faz-se uma excepção. Foi um fartote de oito dias».

Mestre Armando, com os dois filhos e mais dois homens, lavava o limo que crescera no convés do «Pai Tirano». Aprestava-se a «gozar» (?) umas férias em Esposende. No seu olhar de homem marcado, por agruras, bailava a esperança de regressar o mais depressa possível ao mar.

A história de mestre Armando e da sua campanha repete-se, a papel químico, com os mestres das outras cinco embarcações de Esposende e com um sem-número de outras praças pesqueiras do Norte. As migrações dos marinheiros e murtoseiros renovam-se décadas depois. Só que, desta feita, não há a pena de Garret para as retraíar

em novas «Viagens na Minha Terra», mas o drama é o mesmo, enquanto não houver uma fiscalização rigorosíssima, sobre os arrastões que tudo destroem à sua passagem. Não é novidade para ninguém que, para além de entrarem por limites proibidos, ainda utilizam no fundo dos sacos, malhas proibidas.

QUAL SERÁ O FUTURO DO PORTO DE ESPOSENDE?

Não são muitos os barcos de pesca que se servem do porto de Esposende. Este também não dá segurança. O rio está cada vez mais assoreado.

Na baixa-mar, passa-se a pé na foz do Rio Cávado. A não ser junto do posto de salva-vidas, quando a maré desce, os barcos ficam a seco.

Na delegação marítima de Viana do Castelo, em Esposende, este foi o principal problema levantado ao futuro do porto daquela vila. Numa perspectiva de melhoria de condições do porto, é muito natural que, para ali sejam atraídas mais embarcações.

Assim como está, a tendência é para o desaparecimento de motoras que procuram porto seguro em Viana do Castelo ou na Póvoa de Varzim.

Os responsáveis pela delegação marítima afirmaram-nos que a concretização do projecto do prolongamento do cais possibilitaria, pelo menos, a criação de um excelente ancoradouro de barcos de recreio, servindo, deste modo, a vizinha e «britânica» estância de Ofir, ali a dois passos da foz.

Quanto ao problema da migração de pescadores, o delegado marítimo deu-nos conta de que a destruição de redes por parte de arrastões está a desanimar um ou outro mestre, e que, a médio prazo, pelo menos, uma ou outra motora de Esposende deve regressar a este porto.

E, enquanto as nossas costas são devassadas para além das 12 milhas, por redes «assassinas» de arrastões, enquanto na costa norte vai escasseando a pescaria, alguns homens persistem em pescar com mais abundância e melhores preços nos mares do Sul.